

Cem Maneiras de Dizer Adeus: Os Ciganos e a Morte

LUCAS MEDEIROS DE ARAÚJO VALE*

LOURIVAL ANDRADE JÚNIOR**

*Como o galé deixa os ferros/ Quando vai livre viver, /
Assim deixarei meus dias/ Quando tiver de morrer./ A
morte, por ser desgraça/ Não deixa de ser ventura, /
Pois corta pelas raízes/ Males que a vida não
cura.(MORAES FILHO, 1981)*

A canção relatada, por Moraes Filho, publicada primeiramente em 1885, é uma das inúmeras “ladainhas” registradas pelo autor, emergidas da escuridão da noite e cantaroladas durante as longas viagens dos “bandos” ciganos pelo território brasileiro. Esta, em especial, ilustra o diálogo entre alguns destes eternos boêmios e a morte, numa cantilena magoadada com as tristezas que não findam. A morte, o morrer e as assistências póstumas prestadas ao morto, apresentam-se de formas plurais entre as mais variadas culturas e religiões do mundo e edificaram ao longo dos séculos variadas sensibilidades, crenças, estigmas, interações e ritos fúnebres. Entre os, hoje assim chamados, ciganos, demograficamente distribuídos pelo mundo todo, ao contrário do que muitos imaginam, existem inúmeras formas de dizer adeus e o sentido dado à morte também pode acarretar diferentes conotações. “As religiões, a fé, os gestos e as explicações variam em função do substrato cultural de cada região, de família a família, de indivíduo para indivíduo.” (MARTINEZ, 1989: 96).

Este trabalho é produto de uma pesquisa ainda em fase embrionária que busca desenvolver uma narrativa acerca do amplo mosaico cultural em que um estudo sobre os ciganos situa-se, personificando esta diversidade através das inúmeras, e dicotômicas, significações atribuídas à morte, ao morrer, e as dezenas de maneiras de dizer adeus, que se fazem, ou fizeram, presentes entre os paradigmas ciganos. Os dados aqui apresentados são

*UFRN/CERES- Graduando e bolsista de iniciação científica no projeto/plano de trabalho “Comunidades ciganas: O Seridó como território em movimento”.

**UFRN/CERES- Doutor e orientador.

frutos de uma minuciosa revisão bibliográfica e de entrevistas provenientes do projeto de pesquisa “Comunidades ciganas: O Seridó como território em movimento”.

Segundo Moonen (2012), a palavra “cigano” nem sempre existiu, na realidade, foi um termo genérico inventado na Europa do Século XV utilizado para denominar os povos itinerantes, ditos primitivos, e de hábitos estranhos que estavam por infestar a Europa, e que ainda hoje é adotado apenas por falta de um outro melhor. Muitos foram os etnônimos utilizados para referir-se aos ciganos no velho mundo - Bohemios, *Tattares* e Egípcios foram alguns deles. Estas denominações geralmente dão-se se associando a estereótipos e perpassando a ideia de uma fantasiosa unidade ou homogeneidade cultural de um povo imaginário, preservado, imutável desde as suas origens, o que está longe de corresponder à realidade. A Ciganidade, ou a identidade cigana, situa-se e constitui-se dentro de um “multiverso” cultural onde costumes, religiões e tradições estão sempre variando. Diante disso, os próprios ciganos costumam usar denominações diferentes para diferenciar-se em grupos.

Andrade Júnior (2008) define como sendo “cigano” todos os grupos *romani*, que, em linhas gerais, dividem-se em três grandes grupos - *Rom*, *Sinti* (também chamados de *Manouch*) e *Calon*, ou *Kalon* – e em outros vários subgrupos. Teixeira aponta estes grupos e descreve-os, mostrando seus dialetos próprios e algumas características específicas:

O grupo Rom, demograficamente majoritário, é o que está distribuído por um número maior de países. É dividido em vários subgrupos [...] Os Sinti, também chamados Manouch, falam a língua sintó e são numericamente expressivos na Alemanha, Itália e França. [...] Os Calon, cuja língua é o caló, são ciganos que se diferenciaram culturalmente após um prolongado contato com os povos ibéricos [...] onde ainda são numerosos, migraram para outros países europeus e da América. Foi de Portugal que vieram para o Brasil, onde são o grupo mais numeroso. (TEXEIRA, 2007: 19-20)

A grande dispersão dos ciganos pelo mundo, assim como as relações interpessoais estabelecidas pelos mesmos, indubitavelmente colaboraram no estabelecimento de diversas práticas fúnebres, diferenciando-se entre os grupos e até mesmo dentro de um mesmo grupo. É possível, por exemplo, encontrar um cigano pertencente ao grande grupo Calon que vive no Seridó potiguar brasileiro com algumas práticas bem distintas, ou com conotações diferentes, das do que vivem no estado de São Paulo, ou em países como Portugal e Espanha. Esta

grande diversidade acaba, então, constituindo um enorme emaranhado cultural, projetando uma história marcada por exceções e contradições; “São diversos grupos cada qual com suas características próprias e com suas táticas de sobrevivência.” (ANDRADE JR, 2008: 18)

Há uma enorme dificuldade para aqueles que buscam lançar seu olhar sob os ciganos, por fazerem parte de uma cultura essencialmente ágrafa, onde a oralidade é o meio difusor de sua cultura para as novas gerações, é extremamente raro encontrar documentos onde conste a escrita de ciganos sobre eles próprios. Os documentos mais antigos encontrados oferecem apenas o discurso dos *gadjés* sobre um povo estranho, “nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro” (TEIXEIRA, 2007: 12).

Dados sobre a visão dos diversos grupos ciganos sobre a morte tornam-se ainda mais escassos, pois além de estar circunscrita no âmbito da vida privada há uma enorme resistência por parte da maioria dos ciganos, que evitam ao máximo falar sobre o morto, o morrer ou sobre a morte.

No clássico “Os Ciganos no Brasil”, publicado primeiramente em 1886, reúnem-se algumas das trovas e quadrinhas fúnebres de autoria *calon* relatadas por intermédio de Moraes Filho, que pôde registrá-las, principalmente, graças a sua atuação médica que lhe permitia “invadir” as casas ciganas para acompanhar os últimos momentos de alguns desafortunados. Através desse cancioneiro podem-se ter, minimamente, algumas informações correspondentes ao quadro sociocultural e econômico de alguns destes *calons*, além de perceber a forma que a morte aparecia nestas casas em meados do século XIX. Elucidamos aqui uma destas trovas:

CONSOLAÇÕES DA MORTE

*Os dias dos infelizes
Seriam mais lutosos,
Se a Morte só alcançasse
Os viventes venturosos!*

*Mas não; os céus complacentes,
Vendo injustiça nos fados,
Consentiram que extensiva
Fosse ela aos desgraçados.*

*Assim, eu bendigo a Morte,
Que me faz inda sorrir;
Porque sei que, só com ela,*

Minhas pernas se hão de ir!

*Bendigo, porque dos tristes
Não eterniza a provança;
E surge sempre em minh'alma
Como um fanal d'esperança!*

*Como a crença que me diz
Que com ela tudo finda,
Como o meu maior conforto
Que me faz sorrir ainda! (MORAIS FILHO, 1981: 76)*

As trovas fúnebres geralmente eram proclamadas durante os velórios, onde a viúva mergulhava-se em lágrimas e era confortada pelos mais próximos. Essa trova, em especial, mostra a grande falta de esperança para com a vida, o que certamente é fruto de um longo período histórico marcado pelas perseguições, marginalizações e preconceito, além das condições subumanas, de extrema pobreza e abandono, em que muitos ciganos viviam no Brasil. Andrade Jr, também versa sobre a morte e discute as várias conotações atribuídas pelas famílias ciganas “tradicionais” do Brasil:

É fato que a morte para os ciganos tinha muitas conotações. A morte de um cigano com idade avançada era encarada como uma vitória, e a vida após a morte deste cigano seria coroada de muita alegria. Já a morte de uma criança ou de um adulto por qualquer acidente era vivenciado como algo terrível e o sofrimento era visível. (ANDRADE JR, 2008: 41)

Observando ambos escritos, é possível perceber a dualidade e os significados que a morte pode conotar. Na trova ilustrada por Moraes Filho, os ciganos mal-afortunados dão um sentido poético à morte, que “*com ela tudo finda*”, aliviando as dores e prometendo dias melhores no além-vida. Andrade Jr, por outro lado, mostra que já em outros casos ela pode causar um imenso infortúnio e pode estar acompanhada de grandes angústias.

Os cuidados prestados aos mortos acompanham a história da humanidade, “a piedade humana, as preocupações de estados póstumos, não impedem que todas as raças rendam ao finado o tributo à morte, e os cuidados benevolentes àquele cuja existência foi apenas interrompida” (MORAIS FILHO, 1981: 61). Segundo a brasileira Cristina da Costa Pereira (2009), a reverência e os cultos aos mortos, prestados pelos ciganos, demonstram o forte sentimento de religiosidade e sensibilidade existente nesses grupos. “De uma maneira geral, os ritos que seguem à morte, nas sociedades tradicionais, são estreitamente ligados à ideia da

vida além da morte, conseqüentemente à idéia da alma” (MARTINEZ, 1989, p.94). Para Pereira (2009), o carinho dos ciganos pelos seus entes queridos que já se foram são a garantia de que o *duho*, a alma, não ficará mais vagando pelos lugares da Terra e seguirá em paz para outro local, ao som das palavras *t’avel erto* (descanse em paz).

O carinho, o respeito e a atenção especial prestadas aos que já partiram foram umas das vertentes que mais contribuíram na constituição das diversas formas de dizer adeus. Segundo Nicole Martinez (1989), existem várias formas de guardar o luto e aparentemente o medo dos espíritos é constante entre os ciganos. “Os túmulos freqüentemente imponentes, até mesmo suntuosos, confirmam a crença em outra vida que tem ciúmes da alma que mora nesta última residência” (MARTINEZ, 1989: 96). A morte para os ciganos, além de tudo, “marca o limite de um ciclo espaço-temporal e a abertura de um novo ciclo em direção ao futuro” (FERRARI, 2010: 245).

A *pomana* é um dos ritos fúnebres realizados por alguns ciganos para homenagear o ente querido. Segundo Moonen (2012), trata-se de uma tradição de origem balcânica que foi assimilada e é exercida pelos ciganos pertencentes ao subgrupo *Kalderash*, do grande grupo *Rom*. Nesta festa fúnebre, geralmente reúnem-se amigos e familiares a fim de se despedir daquele que teve a sua vida interrompida. “Dá-se, então, um banquete com as comidas e bebidas preferidas do antepassado.” (PERERIRA, 2009: 76). É proibido, durante a cerimônia, tudo que o mesmo repudiava, por exemplo, se o cigano morto não fumasse, em respeito à esse, os demais não deveriam fumar. Pereira descreve detalhadamente o ritual:

No centro da mesa do banquete, ficam a pogatsha com uma vela acesa em memória do antepassado e uma garrafa de vinho fechada. Depois de tudo terminado, com a partida dos convidados, o que estava sobre a mesa, oferecido ao morto, será jogado num riacho, numa cachoeira ou mar (PERERIRA, 2009: 77).

O extremo respeito aos mortos produziu várias “regras” específicas de moral e conduta diante da morte e do morto. “O luto pode ser guardado de uma maneira muito rígida durante três, oito, nove dias, ou então durante 12 ou 15 anos...” (MARTINEZ, 1989: 94-95). Pereira (2009) conta-nos que em alguns grupos ciganos o nome do falecido jamais deverá ser pronunciado novamente após o seu falecimento, sendo feita raríssimas exceções, usando-se, para se referir a ele circunlóquios e termos de parentesco. Ferrari (2010), ao relatar sua vivência com os Calons do estado de São Paulo, mostra que quando ocorre a visita de um

outro Calon enlutado ao acampamento destes grupos, o respeito ao luto alheio obriga que se desliguem todos os aparelhos de som do ambiente.

Segundo Martinez (1989), em alguns casos, as roupas do defunto podem ser doadas ou então queimadas com todos os bens do morto, como ocorre em algumas famílias *Manouches*, já Ferrari (2010) lança seu olhar para uma prática bastante específica, que parece está associada a grupos nômades e seminômades Calons, de acordo com a autora, nas famílias estudadas, é necessário abandonar o local da morte, seguindo após o funeral para outra cidade ou para outro estado. Nos casos observados, a caminhada estava intimamente relacionada com o desejo de afastar-se das lembranças tristes que o ambiente poderia trazer:

O limite de uma vida impõe o limite de um espaço vivido. A morte de uma pessoa instaura um corte espaço-temporal. É preciso criar um vazio, apagando todos os sinais que lembram o morto. E, todavia o morto permanece na ausência. A memória constante daqueles que se foram expressa na recusa mesma dessa rememoração, ao evitar guardar objetos, fotos, ou passar por lugares em que viveram com eles (FERRARI, 2010: 257).

No interior do Rio Grande do Norte, através do projeto/plano de trabalho “Comunidades ciganas: O Seridó como território em movimento” podemos observar casos semelhantes, mas aparentemente sendo o temor aos espíritos o grande causador da movimentação de ciganos pela região do Seridó. Em entrevista com Francisco, cigano calon que vive no estado do Rio Grande do Norte, quando questionado sobre o porquê da saída de sua família do município de Caicó há vinte anos, este revelou que ele e sua família tiveram que partir após a morte do seu pai, pois “*casa que morre gente cigano não fica*”¹. No decorrer do diálogo, os outros membros da família confirmaram que após a morte de qualquer indivíduo, cigano ou não, que more na mesma residência, ou até na mesma rua, era seguida pelo abandono do recinto.

De forma geral, ainda muito pouco se conhece sobre a relação dos, assim chamados, ciganos com a morte, com o morrer, ou com os mortos. As infinitas variáveis da ciganidade e das práticas exercidas pelos ciganos, sejam eles *roms*, *sintis*, ou *calons*, é o que instiga e o que deve fundamentar todos os trabalhos referentes aos mesmos. “Estar diante do cigano era estar

¹ FRANCISCO. **Cigano Francisco e sua família**. Caicó, 20 de Dezembro de 2012. Conversa informal com um cigano que estava de passagem com a sua família pelo município de Caicó/RN.

diante da diferença extrema, fragmentadora” (TEIXEIRA, 2007: 137). Sobre a morte: são inúmeras as práticas e centenas as sensibilidades. Um único cigano pode até desconhecer e negar tudo aqui exposto, e apresentar em seguida com outras formas de dizer adeus. Esta é simplesmente a maravilha de se trabalhar com estes povos em eterno “movimento”.

O nômade, o tsigano, resume, por onde ele passa, a totalidade da aventura invisível, acessível somente através das estradas do imaginário, dos símbolos; além das portas do nascimento e da morte, dos infernos e do céu, da noite e da luz das sociedades nas quais eles vivem – além (MARTINEZ, 1989: 119).

Referência Bibliográfica

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção**. Curitiba: UFPR, 2008. (Tese de doutorado).

BONOMO, Mariana et al. **Processos identitários entre ciganos: da exclusão a uma cultura de liberdade**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1729-48272009000100004&script=sci_arttext>. Acesso em 15 de Nov. 2012.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

FERRARI, Florencia. **O mundo passa: uma etnografia dos ciganos Calon e suas relações com os brasileiros**. São Paulo: USP, 2010 (Tese de doutorado).

FERRARI, Florencia. **Palavra cigana: seis contos nômades**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FRANCISCO. **Cigano Francisco e sua Família**. Caicó, 20 de Dezembro de 2012. Conversa informal com um cigano que estava de passagem com a sua família pelo município de Caicó/RN.

MARTINEZ, Nicole. **Os ciganos**. Campinas: Papirus, 1989.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil**. Recife: 2012.

MORAESFILHO, Melo. **Os ciganos no Brasil e Cancioneiro dos ciganos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. (Org.) **Ciganos: antologia de ensaios**. Brasília: Thesaurus, 2004.

OLIVEIRA, Anna Clara Viana. **Representação e autoidentificação social dos povos *Rom, sinti* e *Calon*: os chamados “ciganos”**. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n2_2010/fronteira_digital_n2_2010_art_6.pdf>. Acesso em: 23 de ago. 2012.

PERERIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PIERONI, G. M. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos em Minas Gerais: uma breve história**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia... e sua comunidade em um território cigano**. Disponível em: <http://portais.ufg.br/uploads/215/original_Vaz_ademir_divino_territorio_cigano.pdf>. Acesso em: 15 de set. 2012.

VISHNEVSKY, Victor. **Memórias de um cigano**. São Paulo: Duna Dueto, 1999.